

OLHO DE VIDRO

1. No café. Manhã.

Verão. Um pequeno café de aldeia serrana, velho e limpo. Balcão de madeira, quatro mesas com cadeiras também muito usadas. Objectos vários de uso e de exposição: máquina de café, copos, pratos, talheres, chávenas, panos, garrafas, televisor e rádio – antigos, funcionais e desligados – pratinhos com rojões, bolinhos secos, peixinhos fritos, bolinhos de bacalhau [que a vista do público poderá nem alcançar], calendário, pequenas e antigas alfaias agrícolas penduradas, foice, gada-nha. Um lance de escadas em madeira que dá para o piso superior do café onde é suposto existir um quartinho com sanitário [ou, em alternativa, uma cortina escondendo uma porta, ao lado do balcão, que dá acesso ao referido quartinho]. Duas entradas, uma para o exterior e outra para o interior térreo do café. Um homem, Gervásio – com um pequeno livro no bolso do casaco – está sentado a uma mesa com um copo meio cheio de vinho, um jogo de dominó com algumas peças expostas, um rádio-transístor com antena – desligado – e um jornal, que lê com alguma atenção. Entra António. Tem uma pala escura sobre o olho esquerdo. Usa um panamá muito usado e botas de couro de meio cano, empoeiradas, também já muito usadas. Traz uma mochila e um pequeno saco, também muito gastos. António pára na entrada e observa em volta. Tira o chapéu da cabeça.

ANTÓNIO

bom dia, amigo

GERVÁSIO

amigo?, amigo por alma de quem? *Pausa. Gervásio sorri.* estou a brincar, gosto de brincar com quem chega, bom dia *António aproxima-se do balcão. Tempo.* a patroa já vem, foi ao cemitério, já vem, ou foi ao lixo, não sei

ANTÓNIO

está uma tabuleta aí fora que diz “aluga-se quarto”

GERVÁSIO

se está com intenção de alugar, a tabuleta desaparece logo *Pausa.* sente-se, não demora, sente-se *António vai para se sentar a uma mesa e Gervásio indica-lhe a cadeira ao seu lado. António pousa as suas coisas e senta-se à mesa de Gervásio.* que bebe?, eu até podia ir buscar a garrafa, mas acho melhor não ir, sou quase família, mas prefiro não ir *António faz gesto dizendo que não quer beber.* em dois anos é a sexta que faço *António como que interroga “como?”* a tabuleta, podia ficar guardada para o próximo, mas não, casinha alugada, tabuleta queimada *Pausa.* são sempre temporários, não há ninguém que se ajeite a sério, veio para ficar, foi?, uns dias?, fim de semana?

ANTÓNIO

vi a tabuleta e parei

GERVÁSIO

parou, nós, a brincar, gostamos de dizer que aqui não param estranhos, como aquelas tabuletas nas obras que dizem que não é permitida a entrada a pessoas estranhas ao serviço *Sorri*. pode não parecer mas passa muita gente, muito turista, grupos, gente solitária, mas não é regular, aparecem quando aparecem, sabe-se lá porquê, qu'isto é bonito, é, e se calha já teve oportunidade de ver, a aldeia é pequena, vê-se num instante, não há terra como esta, digo-lho eu que andei por muito lugar, por esse mundo fora, isto já teve a sua glória, uma glória que não se deseja a ninguém, agora é esperar *Sorrindo*. só agora, com o tempo, me dou conta de que há mesmo muita gente neste mundo, somos nove na aldeia e querem pôr-nos daqui para fora, veja bem, nove, mas não vamos sair, decidimos há muito que não vamos sair *Pausa*. trouxe carro? *António acena com a cabeça dizendo que não*. a carreira, às vezes, não é que falhe, que nunca falhou, mas podiam dar um bocado mais de atenção aos horários, três vezes por semana lá em baixo no cruzamento não se pode dizer que seja muito, quando começaram a reduzir os horários desconfiámos logo, somos nove, é verdade, tantos como os dos sistema solar, tirando o sol, claro, que esse não conta *Pausa*. o quartinho aí tem uma cama boa, armário, mesa, cadeira, lavatório, retrete, o duche é que é fora, e salvo erro pode

ser usado por semana as mesmas vezes dos horários da carreira, o soalho é em madeira, é mais quente no inverno, às vezes vem aquele cheirinho de estar lavado e depois a cera, é bom, o preço é que não sei, mas acho que tem direito a meia pensão, pequeno almoço e jantar. *Pausa.* tínhamos um cão na aldeia que fazia umas habilidades e gostávamos, juntávamos-nos para ver as habilidades, era bom, ficávamos juntos aí no largo da capela a ver as habilidades, saltava para cima do burro e empinava-se, empinava-se com as patas ao alto e batia palminhas em cima do burro, ninguém sabe com quem aprendeu a fazer o número, era coisa mesmo de circo, andavam sempre juntos, o cão e o burro, depois morreram, foram-se as habilidades, ficámos tristes, e não só por terem morrido, é que morreram os dois no mesmo dia, cão e burro, um de manhã e o outro à tarde, um mistério, ficámos tristes *Pausa.* Gosta de pássaros? *António acena, dizendo que sim.* nós temos muitos, e gostamos, deito todos os dias umas migalhas no parapeito da minha janela do quarto, todos os dias, faça chuva, sol ou neve, deito sempre as migalhas *Pausa.* isto para falar depressa e bem, não gostaria de morrer, sabe porquê?, sou muito curioso, interesse-me por quase tudo o que acontece, quando se chega a velho os outros têm a impressão de que os velhos não tiveram mais nada a não ser velhice, que nunca foram novos, vêem-nos só

como velhos, mais nada, este mundo é cruel, acredite *Pausa.* estou a ver que não é muito conversador *António sorri. Gervásio levanta-se e vai espreitar para dentro do balcão.* não, o lixo ainda está, foi ao cemitério, não deve demorar muito, mas sempre deve demorar um bocadinho *Faz sinal a António para que o acompanhe até à porta. António levanta-se e vai ter com ele, junto da porta.* está a ver ali aqueles baloiços?, e o escorrega?, fui eu que fiz, e para quê? não há crianças, ainda pensei que um dia pudessem andar por aí, as crianças estão a desaparecer, por cá já desapareceram, pus-me a fazer um mini-parque infantil não sei para quê *Vão sentar-se. Primeiro Gervásio, António depois. Pausa.* não o convido para um dominó porque isto só tem graça a quatro, dois é triste e três é ímpar *António olha na direcção do balcão, da televisão.* raramente funciona, a patroa gosta de a ter ali porque sempre vamos olhando para as garrafas e pedimos qualquer coisa quando tentamos ver o que se passa no mundo, o pessoal queixa-se de que está sempre desfocada, talvez seja das vistas, mas todos vemos bem, somos nove com os olhinhos frescos, bem abertos *Pausa.* se calha falo demais, não me leve a mal, às vezes, no inverno, dou por mim a falar para a neve e depois para o gelo, mas olhe que passo bem os dias, e depois os turistas sempre animam, falamos um bocadinho, olhe, uma vez passou um com uma harpa, veja só, sentou-se aí à porta da

capela a tocar, ainda havia o cão e o burro, éramos todos a ouvi-lo mais o cão e o burro, os turistas acho que gostam da calma disto, e também devem ter pena de nós, não sei *Sorri*. ter pena nem sempre é mau, uma outra vez vieram uns do cinema e mostraram um filme, coseram três ou quatro lençóis, esticaram e projectaram um filme cómico com um artista que está sempre sério, passou-se bem a noite a rir e a conversar, gosto das noites calmas do verão, a passarem devagar, mas sempre haverá uns que gostam de andar sempre a correr, ora nós viemos a este mundo não para andar sempre a correr, mas para fazer uma corridinha de vez em quando, é como essa gente que trabalha nas altas tecnologias, estão no futuro e gabam-se disso, mas estão no futuro a fazer o quê? *Pausa*. talvez não tenha ido só ao cemitério, talvez tenha ido às galinhas também *Tempo*. por acaso é hipocondríaco? *António encolhe os ombros*. não sei porquê, pareceu-me, desculpe, não sei porquê tenho a ideia de que as pessoas hipocondríacas aguentam-se mais tempo *António sorri*. *Gervásio olha atentamente para a pala de António*. ia fazer-lhe uma pergunta, mas nem faço *Pausa*. sabe, aprendo muito com quem passa por aqui, gosto de ouvir *Pausa*. somos nove, já disse, eu tenho a minha casinha, há esta, da patroa, e temos depois dois casais, e outros três mais ou menos como eu, somos nove, uma velha que vivia sozinha, a ti Clemência, morreu

no mês passado, estava a juntar espigas de milho e ficou-se, sentou-se e ficou-se, sem um ai, sem nada, era uma boa mulher, já não via nada e lá andava ela com as espigas de um lado para o outro, mas agora os dois casais, que são vizinhos, deram em dar-se mal por causa das tornas da água e agora não se falam, tem sido um virote com eles porque andamos todos com pezinhos de lã a ver se ajeitamos outra vez o convívio, uma pessoa dar-se mal por causa do passar da água?, não tem jeito, somos só nove, ó valha-me Deus, nem que fôssemos mil e muitos *Tempo*. sabe, fui marceneiro toda a vida, quando outros quiseram ficar, à conta do engodo desses bem falantes que acenaram com riqueza a rodos, eu fiz o saco e ala daqui *Pausa*. não sei se está a par do que por aqui se passou *Pausa*. está?, foi muito falado, e agora volta a falar-se *Pausa*. *António olha em volta*. fiz muito móvel por esse mundo fora, depois voltei *Pausa*. faz-me impressão que as pessoas não falem ou falem pouco, sempre tive o hábito de ler um bocadinho à noite, antes de me deitar, não para adormecer mas para ter sonhos melhores *Pausa*. se calha vai demorar-se *Um tempo com eles mudos e depois as luzes baixam até escuro*.